

COMPONENTE: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: MARIANA ANTÔNIA

OBJETO DO CONHECIMENTO: GÊNEROS TEXTUAIS

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

De próprio punho

A escrita e suas tecnologias sofrem interessantes metamorfoses, numa ciranda que vai do simples bilhete aos originais de um livro. Estranhei muito na primeira vez que escutei a expressão “de próprio punho”. Parecia que eu ia bater em alguém. Não era bem o caso. Foi numa situação bancária, dessas bem burocráticas, e eu devia escrever algo bem breve, mas com minhas mãos. Na verdade, o que importava era a autenticidade da minha caligrafia, que à época ainda era mais fluente e firme. Depois dos teclados de computador, ela rateia bastante. Minha letra, hoje, tem uma espécie de alternância: dia sim, dia não, trêmula e firme, forte e fraca, mais rotunda e mais cheia de arestas.

É claro que já escrevi muito mais de próprio punho ou, numa palavra mais bonita, manuscreevi (prefiro a mão ao punho, embora ele também seja usado na tarefa). Mas isso não é um feito individual. Em larga medida, é social. Muita gente sente o mesmo que eu, isto é, escreve bem menos usando as mãos, ou melhor, empregando algum tipo de tecnologia (lápiz, caneta etc.) para escrever com grafite ou tinta ou giz ou carvão ou sangue e o que mais. É importante lembrar que ainda há gente que não sabe escrever neste país, neste planeta, mas muita gente sabe e tem um combo de tecnologias mais ou menos à disposição para isso. Sou dessas pessoas privilegiadas que têm várias possibilidades, e uma delas nunca deixou de ser o uso das minhas mãos. Ainda hoje, são elas que batucam meu teclado de computador ou que tocam suavemente duas outrês telas sensíveis. Mas não expressam mais a minha letra. No lugar, aparecem Times New Roman, Arial, Calibri e mais uma centena de “letras” à minha escolha. Eu e Deus e o mundo.

A despeito desse rol de chances e ferramentas para escrever, o manuscrito nunca deixou de pintar aqui e ali, muitas vezes como obrigação. Na escola, por exemplo, até hoje ele é soberano. No Enem também. Curioso, não? Fico pensando em que espaços e ocasiões ainda uso minha letra. Olhando ao redor, na minha casa, minha letra está em espaços muito delimitados e específicos: bilhetes. Eles estão principalmente nacozinha, em especial na porta da geladeira, a fim de manter a comunicação com meus coabitantes, sempre muito esquecidos ou relapsos. Mas também há bilhetes em post its na minha mesa do escritório, textinhos em garranchos por meio dos quais me comunico comigo mesma, a evitar um comportamento esquecido e relapso.

No escritório, costumo ser mais suave comigo mesma, mas também muito mais lacônica, a ponto de nem eu me entender, se passar o tempo. Em todos os casos vai minha letra, menos e mais redonda, a lápis e a tinta azul, em post its rosa-choque, colados precariamente, e todos com destino à lixeira, em breve. Justo porque eles funcionam como lembretes de tarefas e coisas que devem ser vencidas e, claro, substituídas por outras, num fluxo infinito, às vezes ansiogênico, com que a maioria dos adultos (e mais ainda as adultas) precisa conviver.

As formas de escrever mudam, as necessidades também, e o resultado é um elenco complexo, em que nada dispensa nada, a depender da tarefa ou da importância das coisas ou de suas funções, claro. A escrita e suas tecnologias incríveis vão se reposicionando, mudando de status, numa ciranda interessante e importante que pode ser vista à luz de certa diversidade que encontra suas oportunidades e seus efeitos, aqui e ali. Não adianta muito pensar sempre como se tudo fosse excludente. Estão aí minha farta comunicação por bilhetes, minha gaveta alegre de post its de toda cor, esperando para serem usados, e o cheque do cartório, em que quase tudo já é digital. “Do punho ao pixel” não é uma frase filosoficamente correta. O negócio é mais “o punho e o pixel”.

RIBEIRO, A. E. Disponível em: <https://rascunho.com.br>. Acesso em: 16 jan. 2024 (adaptado).

**01. (Enem 2025.1) No que diz respeito ao gênero bilhete, a autora dessa crônica**

A ressalta a formalidade na comunicação com as pessoas de sua convivência.

B critica a ansiedade causada pela velocidade da comunicação.

C expressa a obrigatoriedade de concisão nas anotações.

D questiona a prática da escrita de próprio punho.

E apresenta a diversidade de usos no cotidiano.

**02. (Enem 2025.1) O elemento que caracteriza esse texto como uma crônica é a**

A defesa das opiniões da autora sobre um tema de interesse coletivo.

B exposição sobre o uso de tecnologias nas práticas de escrita atuais.

C abordagem de fatos do contexto pessoal em uma perspectiva reflexiva.

D utilização de recursos linguísticos para a interlocução direta com o leitor.

E apresentação de acontecimentos segundo a ordem de sucessão no tempo.



Uruku  
Urucum  
Rocou  
(Bixa orellana)

Moju, dono da água, não gosta do cheiro de urucum. Mani'ojará, dono da mandioca, e os donos das outras plantas cultivadas também não. Eles não suportam. Por isso, os Wajãpi se untam de urucum, deixam o rosto vermelho e se perfumam com seu aroma agradável. Além disso, os seres agressores, os jarã (donos) e os espíritos terrestres, gostam do cheiro dos fluidos humanos, do sangue, do suor. Então, o urucum os dissimula, protegendo as pessoas que vão caçar, caminhar pela floresta, que estão sendo perturbadas por espíritos em sonhos ou que estão em resguardo, como os doentes. O seu uso é tão cotidiano que os Wajãpi o plantam na aldeia, para ter sempre pertinho. Como o urucum não tem jarã, não tem problema nenhum em arrancar e usar para pintar.

STRAPPAZZON, A. I.; SIGOLO, R. P. Jardins da história: medicinas indígenas. Recife: ObservaPICS, 2022.

**03. (Enem 2025.1) Esse verbete contribui para a preservação do patrimônio linguístico nacional, pois apresenta uma**

- A explicação de um rito medicinal do povo Wajãpi.
- B definição de um termo na perspectiva ancestral indígena.
- C relação de equivalência entre vocábulos de diferentes línguas indígenas.
- D atualização de saberes tradicionais dos povos indígenas brasileiros.
- E descrição das propriedades científicas de plantas silvestres.

Muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto, perdendo de vista gêneros que, por tradição ruim, continuam à margem da nobreza. Acontece que o conto tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira à valorização moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces. A crônica não tem essa característica. Conservou a marca do registro circunstancial feito por narrador-repórter que relata um fato para muitos leitores que formam um público determinado.

Mas que público é esse? Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada, o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação:

a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários dos periódicos e/ou pelos editores- -chefes da redação. Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar, da maneira mais econômica possível, o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural.

SÁ, J. A crônica. São Paulo: Ática, 1987 (adaptado)

**04. (Enem 2025.1) De acordo com esse texto, o aspecto tecnológico que influencia a composição do gênero crônica advém da**

- A conexão ideológica.**
- B densidade temática.**
- C ênfase no público leitor.**
- D apresentação de uma moral.**
- E restrição espacial do suporte.**

Carta aberta para os fãs do Caetano Veloso  
Já começo dizendo que sou um de vocês. Tenho as obras do Caetano como trilha sonora de diversos momentos e fases da minha vida e posso afirmar que esse catálogo também faz parte da minha formação como artista e como pessoa.

Por conta disso, ou apesar disso, me vejo hoje com o privilégio de poder chamar meu ídolo de “meu amigo” e (re)apresentar pro mundo parte desse extenso e rico repertório, agora, em forma de samba.

Nosso álbum, Xande canta Caetano, a partir de agora, se apresenta como uma turnê, e eu venho humildemente convidar cada um de vocês a assistir de perto a essa homenagem ao nosso grande ídolo.

Vejo vocês Brasil afora.  
Com carinho e respeito,

Xande de Pilares.  
Disponível em: [www.facebook.com](http://www.facebook.com).  
Acesso em: 4 maio 2024 (adaptado).

**5. (Reaplicação 2025) Esse texto é apresentado como uma carta aberta. Contudo, sua função social mostra-se ampliada porque cumpre uma finalidade**

- A crítica.
- B literária.
- C jornalística.
- D promocional.
- E reivindicatória.



## GABARITO COMENTADO

### QUESTÃO 01

**Gabarito:** E

**Comentário:** A autora utiliza o gênero "bilhete" como o principal exemplo de onde a escrita manual ainda resiste no seu dia a dia. Ela descreve diferentes contextos para esses bilhetes:

1. Comunicação doméstica: Na porta da geladeira para falar com os coabitantes.
2. Organização pessoal: Em post-its na mesa de trabalho para lembretes próprios.
3. Variedade de suportes: Menciona cores (rosa-choque), instrumentos (lápiz, tinta azul) e funções (lembretes de tarefas).

Ao fazer isso, ela apresenta a diversidade de usos no cotidiano, reforçando que, embora a tecnologia digital predomine, o manuscrito ainda ocupa nichos específicos e variados na vida comum.

### QUESTÃO 02

**Gabarito:** C

**Comentário:** A crônica é um gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura que se caracteriza por "olhar o mundo" a partir de fatos triviais. O texto em questão é um exemplo perfeito disso porque a autora:

- Parte de uma experiência pessoal (a estranheza com a expressão "de próprio punho" em um banco e a observação de sua própria letra hoje em dia).
- Utiliza uma perspectiva reflexiva, transformando o relato pessoal em uma análise sobre como a sociedade lida com o "punho e o pixel".

### QUESTÃO 03

**Gabarito:** B

**Comentário:** O texto estrutura-se como um verbete (indicado pelos nomes científicos e populares no topo), mas foge da definição puramente biológica para abraçar a cosmologia do povo Wajãpi.

A alternativa B é a correta porque o texto define o urucum não apenas como uma planta, mas sob a perspectiva ancestral indígena. Ele explica o significado cultural e espiritual do uso da planta: uma ferramenta de proteção contra "donos da água" e espíritos agressores, além de atuar como um disfarce para os odores humanos (sangue e suor). Ao registrar essa visão de mundo, o verbete preserva o patrimônio linguístico e imaterial, mostrando como a língua e a cultura nomeiam e dão sentido aos elementos da natureza.

### QUESTÃO 04

**Gabarito:** E

**Comentário:** O texto de Jorge de Sá explica como o contexto de produção da crônica (o jornal) molda a sua forma. A alternativa E é a correta porque o autor afirma explicitamente que o suporte (a página do jornal ou periódico) possui um limite de espaço, já que precisa comportar diversas outras matérias e anúncios.

De acordo com o texto: "Ocorre ainda o limite de espaço... o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar, da maneira mais econômica possível, o pequeno espaço de que dispõe." Esse fator tecnológico/físico do suporte é o que gera a "riqueza estrutural" da crônica, ou seja, sua brevidade e objetividade.

### QUESTÃO 05

**Gabarito:** D

**Comentário:** Embora o texto utilize o formato de "carta aberta" (com vocativo, corpo do texto e despedida) e tenha um tom pessoal e afetivo, sua função social principal no contexto em que foi publicada é promocional.

A alternativa D é a correta porque o objetivo central da mensagem é anunciar a transição do projeto "Xande canta Caetano" de um álbum para uma turnê de shows. O trecho "eu venho humildemente convidar cada um de vocês a assistir de perto a essa homenagem" funciona como um convite/chamada para que os fãs consumam o novo produto cultural (os ingressos para os shows). Trata-se, portanto, de uma estratégia de divulgação e marketing para promover a nova fase do trabalho artístico.